

Promessas não cumpridas da comunidade internacional são muito perigosas para a democracia moçambicana

— afirma o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, avisou que poderá perder o controlo do seu movimento se não receber a ajuda financeira que lhe foi prometida pela Comunidade Internacional.

«O presidente Dhlakama poderá perder o controlo dos seus políticos porque

estes irão sentir-se traídos pela Comunidade Internacional», afirmou o líder da Renamo numa entrevista à «Voz da América».

«As promessas não estão a ser concretizadas e nós pensamos que isso é extremamente perigoso para a democracia em Moçambi-

que», frisou o chefe máximo da Renamo.

O alerta lançado por Dhlakama surgiu a poucos dias do início do processo de acantonamento das tropas da Renamo e do Governo.

«A medida que as nossas forças vão para os centros

de acantonamento e são desmobilizados, a Renamo fica só assim com o vazio», lamenta-se Afonso Dhlakama.

«É preciso que a Renamo seja ajudada para que a disciplina dos militares e dos políticos continue até às eleições», frisou Dhlakama.

Um fundo gerido pelas Nações Unidas no montante de 10 milhões de dólares foi criado para financiar a transformação da Renamo em partido político.

Mas segundo foi afirmado pelo próprio representante da ONU para Moçambique, Aldo Ajello, apenas pouco mais de metade dessa verba foi posta à disposição pelos países doadores, em particular pela Itália.

Além disso, a Renamo tem-se queixado repetidamente da rigidez com que as Nações Unidas gerem o fundo, impedindo que o ex-movimento rebelde tenha acesso directo àquele dinheiro.

Num relatório apresentado no início de Novembro ao Conselho de Segurança da ONU, o secretário-geral das Nações Unidas, Boutros-Ghali, propôs a criação de um novo fundo para a Renamo, mas até agora nenhum passo nesse sentido foi divulgado.

«A Renamo anda de

mãos a abanar» e «não sabemos como vamos organizar as eleições» de Outubro de 1994, afirma Afonso Dhlakama.

Para o presidente da Renamo o que está em causa não é apenas o financiamento da campanha eleitoral, mas a própria sobrevivência do partido.

«A Renamo no mato não tinha problemas, porque atacava, capturava material de guerra do adversário e podíamos viver 1.500 anos, mas agora como força política é impossível que sobreviva sem que tenha meios», explica Afonso Dhlakama.